

ROTINAS, CUIDADOS E INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA NO ACOLHIMENTO DE BEBÊS

ROUTINES, CARE, AND PEDAGOGICAL INTENTIONALITY IN WELCOMING BABIES



ELISÂNGELA DE SOUSA MORAES

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Universidade Norte do Paraná (2014). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade ITEQ (2022)

RESUMO

O presente artigo discute a importância das rotinas, dos cuidados e da intencionalidade pedagógica no processo de acolhimento de bebês na Educação Infantil, com foco no contexto de creches e berçários. Compreende-se que o acolhimento vai além de uma prática assistencial, constituindo-se como um momento fundamental para a construção de vínculos afetivos, segurança emocional e desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, as rotinas — como alimentação, higiene e sono — não devem ser vistas apenas como ações mecânicas, mas como práticas educativas intencionais, permeadas por interação, escuta sensível e respeito ao ritmo individual de cada bebê. A partir das contribuições de Henri Wallon, destaca-se a centralidade da afetividade no desenvolvimento infantil, enquanto Emmi Pikler reforça a importância do cuidado individualizado e da autonomia do bebê. Além disso, dialoga-se com Paulo Freire, ao compreender o cuidado como prática educativa que exige intencionalidade, ética e sensibilidade. A organização do ambiente, o olhar atento do educador e a construção de uma rotina estruturada e flexível são elementos essenciais para promover um acolhimento significativo. Assim, conclui-se que práticas pedagógicas conscientes e planejadas contribuem para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos bebês, garantindo seus direitos e promovendo experiências de aprendizagem desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Educação Infantil; Acolhimento; Rotina; Intencionalidade pedagógica; Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This article discusses the importance of routines, caregiving, and pedagogical intentionality in the process of welcoming infants into Early Childhood Education, focusing on the context of daycares and infant care centers. It is understood that this welcoming process extends beyond mere caregiving; it constitutes a fundamental moment for building emotional bonds and a sense of security, as well as for the child's holistic development. In this sense, routines—such as feeding, hygiene, and sleep—should not be viewed merely as mechanical actions but as intentional educational practices characterized by interaction, attentive listening, and respect for each infant's individual rhythm. Drawing on the contributions of Henri Wallon, the article highlights the central role of affectivity in child development, while Emmi Pikler's work reinforces the importance of individualized care and infant autonomy. Furthermore, the discussion engages with Paulo Freire's perspective, viewing care as an educational practice that demands intentionality, ethics, and sensitivity. Environmental organization, the educator's attentive gaze, and the creation of a routine that is both structured and flexible are essential elements for fostering a meaningful welcoming experience. Thus, the article concludes that conscious, well-planned pedagogical practices contribute to infants' cognitive, emotional, and social development, upholding their rights and fostering learning experiences from their earliest years.

Keywords: Early Childhood Education; Welcoming process; Routine; Pedagogical intentionality; Child development.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, especialmente no contexto de creches e berçários, tem se consolidado como um espaço essencial para o desenvolvimento integral da criança, exigindo práticas pedagógicas que articulem cuidado, educação e acolhimento. Nesse cenário, o ingresso do bebê na instituição educativa representa um momento delicado, marcado por mudanças significativas em sua rotina, ambiente e relações afetivas. Assim, o acolhimento configura-se como uma dimensão central do trabalho pedagógico, exigindo do educador sensibilidade, planejamento e intencionalidade em cada ação realizada no cotidiano.

Historicamente, as práticas com bebês foram associadas a uma perspectiva assistencialista, em que os cuidados básicos como alimentação, higiene e sono eram compreendidos como tarefas desvinculadas da educação. No entanto, estudos contemporâneos têm problematizado essa dicotomia, defendendo a indissociabilidade entre cuidar e educar. De acordo com Maria Carmen Silveira Barbosa, “as ações de cuidado são também ações educativas, pois envolvem interação, linguagem, afeto e construção de sentidos” (BARBOSA, 2010). Essa compreensão amplia o olhar sobre o cotidiano dos berçários, reconhecendo as rotinas como espaços privilegiados de aprendizagem e desenvolvimento.

Nesse contexto, as rotinas deixam de ser meramente organizacionais para assumirem um papel estruturante na experiência do bebê. Elas proporcionam previsibilidade, segurança emocional e oportunidades de interação, elementos fundamentais para a construção de vínculos. Para Henri Wallon, o desenvolvimento infantil está profundamente ligado à afetividade, sendo as relações interpessoais determinantes nos primeiros anos de vida. O autor afirma que “a emoção é o primeiro vínculo da criança com o meio social” (WALLON, 2007), evidenciando a importância de práticas que valorizem o contato, o olhar e a escuta sensível no acolhimento dos bebês.

Além disso, a intencionalidade pedagógica emerge como um elemento fundamental na organização das práticas educativas. Não se trata apenas de realizar ações cotidianas, mas de atribuir sentido a elas, compreendendo o bebê como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, Paulo Freire contribui ao afirmar que “não há prática educativa neutra, toda prática é intencional” (FREIRE, 1996), o que reforça a necessidade de um olhar crítico e reflexivo sobre as ações desenvolvidas na Educação Infantil. Assim, cada momento da rotina deve ser planejado de forma consciente, considerando as necessidades, interesses e singularidades das crianças.

Outro aporte relevante é encontrado nas contribuições de Emmi Pikler, que enfatiza a importância do cuidado respeitoso e da autonomia do bebê. Para a autora, “o desenvolvimento da criança ocorre de forma mais harmoniosa quando suas necessidades são atendidas com atenção individualizada e respeito ao seu ritmo” (PIKLER, 2010). Essa abordagem valoriza o papel do educador como mediador atento, que observa, escuta e responde de maneira sensível às manifestações do bebê.

Dessa forma, compreender o acolhimento como um processo que integra rotinas, cuidados e intencionalidade pedagógica implica reconhecer o bebê como sujeito de direitos e protagonista de seu desenvolvimento. A organização do tempo, do espaço e das interações no ambiente educativo deve estar pautada em práticas que promovam segurança, afeto e aprendizagem. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar como as rotinas e os cuidados, quando orientados por uma intencionalidade pedagógica, contribuem para um acolhimento significativo na Educação Infantil, favorecendo o desenvolvimento integral dos bebês e a construção de vínculos essenciais para sua formação.

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE CUIDAR E EDUCAR NO COTIDIANO DO BERÇÁRIO

A compreensão contemporânea da Educação Infantil rompe com a visão fragmentada que historicamente separava as práticas de cuidado das práticas educativas, especialmente no trabalho com bebês. Durante muito tempo, as instituições destinadas à primeira infância foram marcadas por um caráter assistencialista, no qual o cuidado era visto como uma atividade secundária, desvinculada de intencionalidade pedagógica. No entanto, avanços teóricos e legais têm reafirmado a necessidade de superar essa dicotomia, reconhecendo o cuidado como parte constitutiva do processo educativo.

De acordo com Maria Carmen Silveira Barbosa, “não há como separar o cuidar do educar, pois ambos se entrelaçam nas práticas cotidianas com as crianças pequenas” (BARBOSA, 2010). Essa perspectiva evidencia que momentos como alimentação, troca de fraldas, banho e sono são ricos em possibilidades de interação, comunicação e construção de vínculos. Assim, o cotidiano do berçário deve ser compreendido como um espaço de aprendizagens significativas, no qual cada ação do educador possui potencial educativo.

Nessa mesma direção, Sonia Kramer destaca que “o cuidado, quando realizado com intencionalidade, transforma-se em prática pedagógica, pois envolve relação, escuta e respeito à criança” (KRAMER, 2005). Tal afirmação reforça a ideia de que o educador precisa atribuir sentido às suas ações, compreendendo que o desenvolvimento infantil ocorre nas interações estabelecidas no dia a dia. Dessa forma, cuidar de um bebê não significa apenas atender às suas necessidades fisiológicas, mas também reconhecer suas expressões, acolher suas emoções e favorecer sua participação ativa no ambiente.

Além disso, a indissociabilidade entre cuidar e educar implica reconhecer o bebê como sujeito de direitos, conforme preconizado pelas políticas educacionais brasileiras. A BNCC afirma que as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem garantir experiências que promovam o desenvolvimento integral, articulando aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos. Nesse sentido, o cuidado passa a ser entendido como um ato educativo intencional, que contribui para a formação da criança em sua totalidade.

Outro aspecto relevante diz respeito à qualidade das interações estabelecidas durante os momentos de cuidado. Para Emmi Pikler, o cuidado deve ser realizado de forma individualizada e respeitosa, valorizando o ritmo e a participação do bebê. A autora afirma que “é na relação de cuidado que se constrói a confiança da criança no adulto e no ambiente” (PIKLER, 2010), evidenciando a importância de práticas que promovam segurança emocional e autonomia desde os primeiros anos de vida.

Nesse contexto, o educador assume um papel fundamental, pois é responsável por mediar essas experiências e transformar o cotidiano em um espaço de aprendizagem. Sua atuação deve ser pautada na observação atenta, na escuta sensível e na intencionalidade pedagógica, elementos que permitem compreender as necessidades e potencialidades de cada bebê. Assim, ao realizar uma troca de fralda, por exemplo, o educador pode estabelecer contato visual, nomear ações, estimular a participação da criança e fortalecer vínculos afetivos, tornando esse momento uma experiência rica e significativa.

Portanto, compreender a indissociabilidade entre cuidar e educar é essencial para qualificar as práticas na Educação Infantil. Essa concepção amplia o olhar sobre o trabalho com bebês, reconhecendo que o acolhimento se constrói nas interações cotidianas e nas relações estabelecidas entre educador e criança. Ao integrar cuidado e educação de forma consciente e intencional, a creche se afirma como um espaço de desenvolvimento, aprendizagem e garantia de direitos, contribuindo para a formação integral dos bebês desde os primeiros anos de vida.

ROTINAS COMO ORGANIZADORAS DA EXPERIÊNCIA E DA SEGURANÇA EMOCIONAL

As rotinas constituem um dos principais eixos organizadores do cotidiano na Educação Infantil, especialmente no trabalho com bebês, pois oferecem referências temporais e espaciais que contribuem para a construção da segurança emocional. Ao ingressar na creche, o bebê se depara com um ambiente desconhecido, marcado por novas relações, sons, cheiros e dinâmicas. Nesse contexto, a repetição de ações cotidianas — como horários de alimentação, momentos de descanso, brincadeiras e cuidados — permite que a criança antecipe acontecimentos, desenvolva confiança e gradualmente se adapte ao novo espaço.

Segundo Henri Wallon, o desenvolvimento infantil está profundamente relacionado à afetividade e às condições emocionais proporcionadas pelo ambiente. O autor afirma que “a segurança afetiva é condição essencial para que a criança explore o meio e construa conhecimento” (WALLON, 2007). Assim, as rotinas, quando organizadas de forma coerente e acolhedora, favorecem a estabilidade emocional necessária para que o bebê se sinta seguro para interagir, explorar e aprender.

No entanto, é fundamental compreender que a rotina não deve ser sinônimo de rigidez ou padronização excessiva. Ao contrário, ela precisa ser flexível e sensível às necessidades individuais de cada bebê, respeitando seus ritmos biológicos, emocionais e comportamentais. Nesse sentido, Emmi Pikler destaca que “o respeito ao ritmo próprio da criança é fundamental para o seu desenvolvimento saudável” (PIKLER, 2010). Isso implica, por exemplo, considerar que nem todos os bebês sentirão fome ou sono ao mesmo tempo, exigindo do educador uma postura atenta e responsiva.

Além da dimensão temporal, a rotina também envolve a organização do espaço e das interações. Ambientes previsíveis, com materiais acessíveis e disposição coerente, contribuem para que o bebê reconheça o espaço e se sinta pertencente a ele. A repetição de determinadas práticas, como cantar uma música antes do momento de descanso ou realizar um ritual durante a troca de fraldas, também fortalece vínculos e cria referências afetivas importantes.

Outro aspecto relevante é que as rotinas são oportunidades privilegiadas de aprendizagem. Durante os momentos de cuidado e organização do dia, o bebê vivencia experiências que envolvem linguagem, movimento, percepção e interação social. Conforme aponta Lev Vygotsky, “é na interação com o outro que a criança constrói seu desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1991), o que evidencia o papel das relações estabelecidas nas práticas cotidianas. Assim, ao participar de uma rotina estruturada e significativa, o bebê não apenas se adapta ao ambiente, mas também desenvolve habilidades e competências fundamentais.

Ademais, a previsibilidade proporcionada pelas rotinas contribui para a redução da ansiedade, especialmente nos momentos iniciais de adaptação à creche. Saber o que acontecerá em seguida

permite que o bebê se sinta mais confiante e menos inseguro diante das mudanças. Essa segurança emocional é essencial para a construção de vínculos com o educador e com os demais bebês, favorecendo o processo de acolhimento.

O papel do educador, nesse contexto, é central na organização e condução das rotinas. Cabe a ele planejar o cotidiano de forma intencional, equilibrando momentos de cuidado, interação e exploração, sempre considerando as necessidades das crianças. Além disso, sua postura deve ser acolhedora e consistente, garantindo que a rotina não seja apenas uma sequência de ações, mas uma experiência significativa e humanizada.

Portanto, as rotinas, quando compreendidas em sua dimensão pedagógica, ultrapassam a função organizacional e tornam-se elementos fundamentais para o acolhimento e o desenvolvimento dos bebês. Ao proporcionar previsibilidade, segurança e oportunidades de interação, elas contribuem para a construção de um ambiente educativo que respeita a singularidade da criança e promove seu desenvolvimento integral.

A INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA NAS PRÁTICAS DE CUIDADO

A intencionalidade pedagógica constitui um dos pilares fundamentais da prática docente na Educação Infantil, especialmente no trabalho com bebês, em que o educar se materializa nas ações mais sutis do cotidiano. Diferentemente de uma atuação espontânea ou meramente assistencial, a intencionalidade implica planejamento, reflexão e consciência sobre os objetivos que orientam cada ação do educador. Nesse sentido, cuidar deixa de ser apenas atender necessidades básicas e passa a ser compreendido como um ato educativo carregado de significado.

De acordo com Paulo Freire, “não há prática educativa neutra, toda prática é intencional” (FREIRE, 1996), o que evidencia que toda ação realizada no contexto educativo carrega valores, concepções e objetivos. No berçário, essa perspectiva ganha ainda mais relevância, uma vez que os bebês se desenvolvem a partir das interações e experiências vividas no dia a dia. Assim, momentos como alimentação, troca de fraldas, banho e sono devem ser planejados e conduzidos de forma consciente, considerando suas potencialidades pedagógicas.

A intencionalidade pedagógica também se relaciona diretamente com a concepção de criança como sujeito ativo, competente e capaz de interagir com o meio. Ao reconhecer o bebê como protagonista de seu desenvolvimento, o educador passa a valorizar suas iniciativas, expressões e formas de comunicação, mesmo que ainda não verbalizadas. Conforme destaca Lev Vygotsky, “o desenvolvimento da criança ocorre por meio das interações sociais” (VYGOTSKY, 1991), o que reforça a importância de práticas que promovam diálogo, troca e participação desde os primeiros anos de vida.

Nesse contexto, a observação torna-se uma ferramenta essencial para a construção da intencionalidade pedagógica. É por meio do olhar atento que o educador identifica as necessidades, interesses e avanços dos bebês, podendo ajustar suas práticas de forma mais adequada e significativa. Observar não é apenas ver, mas interpretar gestos, expressões, choros e movimentos como formas legítimas de comunicação. Essa escuta sensível permite que o educador responda de maneira mais assertiva, fortalecendo vínculos e promovendo aprendizagens.

Outro aspecto importante diz respeito à qualidade das interações estabelecidas durante os cuidados. Para Emmi Pikler, o momento do cuidado deve ser vivido como uma oportunidade de relação individualizada entre adulto e criança. A autora afirma que “é durante o cuidado que se constrói uma relação de confiança e cooperação com o bebê” (PIKLER, 2010), destacando a importância de envolver a criança nas ações, respeitar seu tempo e valorizar sua participação. Dessa forma, ao trocar uma fralda, por exemplo, o educador pode conversar com o bebê, antecipar suas ações, nomear partes do corpo e convidá-lo a colaborar, transformando esse momento em uma experiência rica e significativa.

Além disso, a intencionalidade pedagógica exige que o educador articule teoria e prática, fundamentando suas ações em conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento infantil. Essa articulação permite uma atuação mais consciente e qualificada, evitando práticas automatizadas ou descontextualizadas. Como aponta Maurice Tardif, “os saberes docentes são construídos na prática, mas também se fundamentam em conhecimentos teóricos que orientam a ação pedagógica” (TARDIF, 2002). Assim, o trabalho com bebês demanda formação contínua e reflexão constante sobre as práticas desenvolvidas.

A organização do ambiente e da rotina também faz parte da intencionalidade pedagógica. Espaços acolhedores, seguros e estimulantes, aliados a uma rotina planejada e flexível, criam condições favoráveis para o desenvolvimento dos bebês. Cada elemento do ambiente deve ser pensado de forma a promover interação, autonomia e bem-estar, reforçando o caráter educativo das práticas de cuidado.

Portanto, a intencionalidade pedagógica nas práticas de cuidado representa um compromisso ético e profissional com o desenvolvimento integral do bebê. Ao planejar, observar e refletir sobre suas ações, o educador transforma o cotidiano em um espaço de aprendizagem, no qual cada gesto, palavra e interação contribuem para a construção de vínculos, o fortalecimento da autonomia e a ampliação das experiências infantis. Dessa forma, o acolhimento se concretiza como uma prática consciente, sensível e profundamente educativa.

O PAPEL DO EDUCADOR NO ACOLHIMENTO E NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS

O educador desempenha um papel central no processo de acolhimento de bebês na Educação Infantil, sendo o principal mediador das relações que se estabelecem entre a criança, o ambiente e os demais sujeitos da instituição. Sua atuação vai além da organização de atividades ou da execução de cuidados, exigindo uma postura sensível, ética e intencional, capaz de promover segurança emocional e favorecer

o desenvolvimento integral. Nesse contexto, o vínculo afetivo constitui um elemento estruturante, pois é por meio dele que o bebê se sente protegido, confiante e disponível para explorar o mundo ao seu redor.

A construção de vínculos no ambiente educativo está diretamente relacionada à qualidade das interações estabelecidas entre educador e bebê. Pequenos gestos, como o olhar atento, o tom de voz acolhedor, o toque respeitoso e a escuta sensível, têm grande impacto na forma como a criança percebe e se relaciona com o espaço. Segundo Donald Winnicott, “é no ambiente suficientemente bom que a criança desenvolve seu verdadeiro self” (WINNICOTT, 1975), ressaltando a importância de um contexto estável e afetivamente seguro. No berçário, esse ambiente é construído, sobretudo, pelas relações estabelecidas com o educador, que se torna uma figura de referência para o bebê.

Além disso, o acolhimento exige do educador a capacidade de reconhecer e respeitar a singularidade de cada criança. Cada bebê possui seu próprio ritmo, suas formas de comunicação e suas necessidades específicas, o que demanda uma prática pedagógica flexível e individualizada. Nesse sentido, Emmi Pikler enfatiza que “o respeito ao bebê como sujeito ativo implica considerar suas iniciativas e permitir sua participação nas situações de cuidado” (PIKLER, 2010). Essa abordagem valoriza a autonomia da criança e fortalece a relação de confiança com o adulto.

Outro aspecto fundamental é a escuta sensível, entendida como a capacidade do educador de interpretar as diferentes formas de expressão do bebê, como o choro, os gestos, os olhares e os movimentos corporais. Como os bebês ainda não utilizam a linguagem verbal de forma estruturada, cabe ao educador compreender essas manifestações como formas legítimas de comunicação. Essa escuta qualificada permite responder de maneira adequada às necessidades da criança, promovendo bem-estar e fortalecendo vínculos.

A relação entre educador e bebê também é permeada pela dimensão ética do cuidado. Para Nel Noddings, o cuidado envolve uma atitude de atenção genuína ao outro, baseada na responsabilidade e na empatia. A autora afirma que “cuidar é um encontro relacional que exige presença, atenção e compromisso” (NODDINGS, 2003), evidenciando que o acolhimento não se limita a ações pontuais, mas se constitui como uma postura contínua no cotidiano educativo.

Além da relação direta com o bebê, o educador também atua como mediador da relação entre a família e a instituição. O processo de acolhimento torna-se mais efetivo quando há diálogo, confiança e parceria com os responsáveis, garantindo continuidade entre o ambiente familiar e o escolar. Essa articulação contribui para que o bebê se sinta mais seguro durante a adaptação, fortalecendo os vínculos estabelecidos na creche.

Por fim, é importante destacar que o trabalho do educador no acolhimento exige formação, reflexão e compromisso profissional. A construção de vínculos não ocorre de forma espontânea, mas resulta de práticas conscientes e fundamentadas teoricamente. Nesse sentido, a atuação docente deve ser

constantemente revisitada, buscando aprimorar estratégias que promovam relações mais humanizadas e significativas.

Assim, o educador se configura como figura essencial no acolhimento de bebês, sendo responsável por criar condições emocionais, afetivas e pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento infantil. Ao estabelecer vínculos seguros e respeitosos, contribui para que o bebê se sinta pertencente ao ambiente educativo, possibilitando experiências de aprendizagem e interação desde os primeiros anos de vida.

O AMBIENTE EDUCATIVO E SUA INFLUÊNCIA NO ACOLHIMENTO DOS BEBÊS

O ambiente educativo na Educação Infantil, especialmente nos espaços de berçário, desempenha um papel fundamental no processo de acolhimento dos bebês, configurando-se não apenas como cenário, mas como elemento ativo no desenvolvimento e nas experiências das crianças. A organização do espaço, a escolha dos materiais, a disposição dos objetos e a qualidade das interações que ali ocorrem influenciam diretamente a forma como o bebê se sente, se relaciona e aprende. Nesse sentido, o ambiente deve ser pensado de forma intencional, acolhedora e segura, favorecendo tanto o bem-estar quanto a exploração e a autonomia.

A abordagem de Reggio Emilia contribui significativamente para essa compreensão ao conceber o ambiente como o “terceiro educador”, ao lado do adulto e das próprias crianças. Essa perspectiva destaca que o espaço comunica, ensina e influencia comportamentos, sendo, portanto, parte integrante do processo pedagógico. Assim, um ambiente bem-organizado pode estimular a curiosidade, a interação e o desenvolvimento sensorial dos bebês, enquanto espaços desorganizados ou pouco planejados podem gerar insegurança e limitar experiências.

Para que o acolhimento seja efetivo, o ambiente precisa oferecer previsibilidade e, ao mesmo tempo, possibilidades de descoberta. A organização dos espaços deve permitir que o bebê reconheça áreas destinadas a diferentes atividades, como descanso, alimentação, higiene e brincadeiras. Essa clareza contribui para a construção de referências espaciais e para a sensação de segurança. Além disso, a acessibilidade dos materiais é um aspecto essencial, pois possibilita que os bebês explorem o ambiente de forma autônoma, respeitando seus interesses e iniciativas.

Outro ponto relevante refere-se à qualidade estética e sensorial do ambiente. Elementos como iluminação natural, cores suaves, texturas variadas e materiais adequados à faixa etária contribuem para criar um espaço mais acolhedor e estimulante. Segundo Loris Malaguzzi, “o ambiente deve ser um espaço que favoreça relações, comunicação e bem-estar” (MALAGUZZI, 1999), reforçando a ideia de que o espaço educativo deve ser planejado com sensibilidade e intencionalidade.

Além do espaço físico, o ambiente também é constituído pelas relações que nele se estabelecem. Um ambiente acolhedor é aquele em que predominam interações respeitosas, afetivas e significativas entre educadores, bebês e famílias. Nesse contexto, o clima relacional é tão importante quanto a organização

material, pois influencia diretamente a segurança emocional das crianças. A presença de adultos disponíveis, atentos e sensíveis contribui para que o bebê se sinta protegido e confiante para explorar o ambiente.

A organização do ambiente também deve considerar a diversidade e a inclusão, garantindo que todos os bebês tenham acesso às experiências propostas, independentemente de suas especificidades. Isso implica adaptar espaços, materiais e práticas para atender às diferentes necessidades, promovendo equidade e respeito às singularidades.

Outro aspecto importante é a articulação entre ambiente e rotina. Um espaço bem estruturado facilita a organização do cotidiano, tornando as transições entre as atividades mais suaves e previsíveis. Por exemplo, um local específico para o descanso, com elementos que favoreçam o relaxamento, contribui para que o bebê associe aquele espaço ao momento de dormir, fortalecendo sua segurança emocional.

Portanto, o ambiente educativo exerce uma influência decisiva no acolhimento dos bebês, sendo um elemento que vai além da dimensão física e se estende às relações e experiências vividas no cotidiano. Quando planejado com intencionalidade pedagógica, o ambiente torna-se um aliado do educador, promovendo interações significativas, autonomia e desenvolvimento integral. Dessa forma, o acolhimento se concretiza em um espaço que respeita, valoriza e potencializa as múltiplas formas de ser e estar dos bebês na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que o acolhimento de bebês na Educação Infantil ultrapassa práticas pontuais de recepção, configurando-se como um processo contínuo, intencional e fundamentado teoricamente. Ao analisar a relação entre rotinas, cuidados e intencionalidade pedagógica, foi possível compreender que o cotidiano do berçário constitui um espaço privilegiado de desenvolvimento, no qual cada ação do educador carrega potencial educativo.

A indissociabilidade entre cuidar e educar mostrou-se como princípio essencial para a qualificação das práticas pedagógicas, rompendo com concepções assistencialistas ainda presentes em alguns contextos. Nesse sentido, os cuidados cotidianos — como alimentação, higiene e sono — assumem uma dimensão educativa quando permeados por interação, linguagem e afetividade. As contribuições de Maria Carmen Silveira Barbosa reforçam essa compreensão, ao destacar que o cuidado é parte constitutiva do processo educativo.

As rotinas, por sua vez, revelaram-se como elementos estruturantes do acolhimento, ao proporcionarem previsibilidade e segurança emocional aos bebês. Quando organizadas de forma flexível e respeitosa, contribuem para a construção de vínculos e para a adaptação ao ambiente educativo. Nessa perspectiva, a afetividade, conforme apontado por Henri Wallon, assume papel central no desenvolvimento infantil, sendo mediada pelas relações estabelecidas no cotidiano.

A intencionalidade pedagógica destacou-se como eixo orientador das práticas, evidenciando a necessidade de planejamento, reflexão e consciência por parte do educador. Inspiradas nas ideias de Paulo Freire, as ações educativas devem ser compreendidas como práticas não neutras, que exigem compromisso ético e político com o desenvolvimento da criança. Assim, o educador é chamado a atuar de forma crítica e sensível, reconhecendo o bebê como sujeito ativo e protagonista de seu processo de aprendizagem.

Além disso, o papel do educador e a organização do ambiente mostraram-se fundamentais para a construção de um acolhimento significativo. A criação de vínculos seguros, aliada a um espaço planejado e estimulante, favorece a autonomia, a exploração e o bem-estar dos bebês. A abordagem de Reggio Emilia reforça a importância do ambiente como elemento educativo, destacando sua influência nas experiências infantis.

Dessa forma, conclui-se que o acolhimento de bebês na Educação Infantil deve ser compreendido como uma prática pedagógica intencional, que integra cuidado, educação e afeto. Investir na formação de professores, na organização dos espaços e na construção de rotinas significativas é fundamental para garantir o desenvolvimento integral das crianças e a efetivação de seus direitos. Assim, a creche se afirma como um espaço de aprendizagem, relações e humanização desde os primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRAMER, Sonia. *A infância e sua singularidade*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MALAGUZZI, Loris. *Histórias, ideias e filosofia básica*. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- NODDINGS, Nel. *Caring: A feminine approach to ethics and moral education*. Berkeley: University of California Press, 2003.
- PIKLER, Emmi. *Mover-se em liberdade: desenvolvimento da motricidade global*. São Paulo: Phorte, 2010.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. BNCC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.